

# TRANSIÇÃO DE PARADIGMAS NO DESIGN

## QUAL SEU POTENCIAL PARA A RESSIGNIFICAÇÃO DE INOVAÇÃO E SUSTENTABILIDADE?

*Ione Maria Ghislene Bentz*

Historicamente, o que faz o conhecimento avançar são os movimentos de reflexão crítica, ponto e contraponto, que colocam em tela teorias e metodologias que pretendem orientar a produção de conhecimento pelo homem. Esses movimentos transitam em meio à comunidade de conhecimento sob forma de arte ou de ciência, e se apresentam sob forma de diferentes narrativas que procuram significar as práticas da vida vivida.

Quando se pergunta sobre o potencial dos paradigmas em transição para o design, já se está afirmando que ele existe para todos os campos de conhecimento, mas que interessa, particularmente, perguntar ao design como ele se deixa afetar pelos movimentos pragmáticos e pós-estruturalistas dominantes no século XX e sistêmicos pela teoria da complexidade, ganhando cada vez mais relevância no nosso século. Para falar desse conjunto de fazeres, o design estratégico organiza essa reflexão sobre ecossistemas, inovação e sustentabilidade, tomados como parte do argumento que considera que a compreensão da vida pelos ecossistemas se estende por todos os saberes humanos, que a inovação neles encontra inspiração para ressignificar-se e que a sustentabilidade é o ethos capaz de garantir a vida humana no planeta.

Nesse sentido, as mudanças que o design vem sofrendo desde suas origens, sistematizadas pelo design industrial até o design que reconhece a influência de teorias de outras áreas do conhecimento em proposições sobre o design, amplia a esfera do fazer para as do pensar e do sentir. Nesse sentido, ao apresentar os seis eixos para a filosofia do Design, Beccari, Portugal e Padovani (2017) organizam as reflexões filosóficas sobre o design, expressando a percepção do design como campo de pesquisa e a consequente ampliação das teorias que aparecem nele referidas. Assim, Design e Linguagem, Design e Sensibilidades, Design e Valores, Design e Conhecimento, Design e Realidade e Design e Cultura são apresentados como parâmetros reflexivos para o design.

Um dos principais estímulos a mudanças vem das proposições das teorias sistêmicas e das teorias da complexidade que, em tese, pretendem opor-se ao pensamento cartesiano reducionista. Esse tipo de pensamento chega até nós sob diversas denominações ao tratar de sistemas naturais, artificiais ou sociais. Inovação social, sustentabilidade e colaboração podem ser assim resignificadas.

## **PARADIGMA EM MOVIMENTO: TEMAS EM QUESTÃO**

O tema Inovação tem aparecido cada vez com maior frequência nas agendas dos pesquisadores em design e tem recebido diferentes abordagens. Dois pontos, em especial, merecem atenção: a polissemia do termo que exige que seu sentido seja precisado; e o uso generalizado do termo que enfraquece sua relevância. É insuficiente tratar a inovação apenas como resultado da criatividade, ou como mudanças capazes de transformar a visão que se tem da realidade e de gerar ou agregar valor, quer financeiro ou simbólico.

Pelo fato de a sociedade apreciar a estabilidade e de valorizar a permanência, não é de admirar que projetos experimentais ou inovadores encontrem espaço nos Laboratórios ou Institutos de Pesquisa que testam artefatos e os avaliam, em especial no quesito de preservação dos sistemas, antes de ofertá-los ao mercado, aqui entendido como espaço de troca de bens e serviços. Em termos de design estratégico, a indicação de compreender a realidade como ecossistemas confere abrangência e dinâmica a esse recorte em que processos projetuais criativos operam na produção de dispositivos capazes de transformar o mundo (FRANZATO et al., 2015).

Considerado o binômio problema/solução, sempre mencionado pelo design como parâmetros projetuais para atendimento às necessidades do usuário, esses termos precisam ser retomados criticamente. Às necessidades acrescentem-se de-

sejos; substitua-se usuário por actante, ou ator dos processos de ação/interação; e compreenda-se a necessidade de ‘problematizar’ o problema, senão de reconhecer novos problemas resultantes de mudanças sociotecnológicas ou, simplesmente, criados pela humanidade, ou por ela imaginados, os quais pedem soluções concernentes. Assim, parafraseando Manzini (2008), haveria um deslocamento da ideia de projetar para algo mais amplo e habilitante, qual seja, projetar para capacitar pessoas para atingirem o ideal de uma sociedade de bem-estar e de sustentabilidade. No quadro dessas mudanças produzidas natural ou culturalmente, encontra-se uma certa inércia social só impactada quando grandes problemas surgem, ou se agravam, de tal sorte que haja um impositivo de soluções inovadoras mais expressivas ou diferenciadas. Nesse sentido, estão as formulações de Manzini, direcionadas para mudanças de comportamento, em especial, ou mudanças de mercado e de tecnologia, não obrigatoriamente fora do enquadramento de inovação social. É possível que a migração entre mercado e sociedade seja fácil de ocorrer, embora se prefira que, ao ser apropriada pelo mercado, uma determinada inovação não perca sua perspectiva de manutenção da sustentabilidade e da promoção do bem-estar social. Compreendido esse bem-estar pelas perspectivas sociais, ambientais e econômicas, mais relevante é que tenha na base as ecologias de Guattari (2011) assim formuladas: o meio-ambiente, as relações sociais e a subjetividade humana, todas elas em permanente interação. Essas ecologias ampliam as perspectivas de bem-estar social, pois exigem uma articulação ético-política sem a qual fica em perigo a forma de viver no planeta.

O Design Estratégico (ZURLO, 2010; CELASCHI; DESERTI, 2007; MERONI, 2008; VERGANTI, 2008), metodologia de design sempre em construção, propõe um modelo organizacional efetivo e colaborativo, criação cooperativa de uma base comum de conhecimento que contempla a proposição de estratégias organizacionais. É o reconhecimento de novas formas de organização em rede em que um grande número de pessoas se reúnem para construir uma visão comum. Essa compreensão aliada ao reconhecimento de que pessoas, e não apenas designers, pode favorecer projetar para a inovação. Amplia-se, assim, o número de actantes projetuais e, por consequência, a possibilidade de proposições criativas diferenciadas. Assim, a projeção de serviços pode, não apenas considerar alguns atores como relevantes para o projeto, mas todos eles. Ocorre um processo de indissociabilidade entre quem projeta/produz e quem consome, da mesma forma do que ocorre com a distinção emissor e receptor (fonte e destinatário) nos processos de comunicação, indissociabilidade compreendida como um movimento recorrente e complementar. Em decorrência, elevam-se as probabilidades de que se produzam inovações significativas para a sociedade.

De qualquer forma, praticar processos nessa direção impõe uma série de qualidades que estariam comportadas na aprendizagem por mudança de comportamento, baseadas em confiabilidade, responsabilidade e troca, e que habilitam as pessoas para buscar suas próprias soluções. Segundo Manzini (2008), no campo das organizações, as pessoas participam de processos colaborativos não apenas pelas formas presenciais, mas através de aplicativos via internet utilizados por todos, o que favorece a organização do mundo real. Todos participam significativamente na formulação e apoio às ações colaborativas, em contexto de ‘economia produtiva’, pela redução de tempo e apagamento de distâncias. Enfim, cria-se um contexto favorável ao aumento da produção projetual por metodologias, técnicas e ferramentas compatíveis com esses processos assim definidos.

Zurlo (2010) destaca que a abordagem do design estratégico promove a inovação, a partir do raciocínio estratégico contínuo, sinalizando caminhos para futuros possíveis, interpretando os sinais que a sociedade emite, construindo significados e conferindo identidade às organizações, aos produtos e aos serviços. Para que tais prognósticos se confirmem, destaque-se que as organizações devem incorporar a cultura do design, de tal modo que ela passe a orientar a totalidade de suas ações, o que favorecerá o desenvolvimento da inovação. A incorporação de processos inovadores de design nas organizações deveria ser uma atividade regular nas organizações, de tal forma que se incorporaria ao seu DNA (CELASCHI; DESERTI, 2007), ação que garantiria a atualização permanente de processos e de estratégias, e não apenas esporádicos ou emergenciais para fazer frente a dificuldades ou catástrofes.

O que até aqui se tem dito corresponde a reflexões decorrentes da base paradigmática do design estratégico dominante até um dado ponto de seu desenvolvimento. Inspiradas pelo pensamento complexo proposto por Morin (2005), pode-se retomar o design a partir da compreensão de ecossistemas, como vetor para trabalhar temas como a sustentabilidade e a inovação social. Esse deslocamento está expresso na ‘metáfora paradigma em movimento’.

A produção de conhecimento que contemple a noção de sistema não é nova na ciência. Trazê-la aqui, revisionada, é um imperativo da convicção de que o uso do termo entrou em processo de naturalização e que o pensamento complexo o revigora pelos estudos derivados de ciências como a biologia e a física. É na pauta de sistemas abertos que ecossistemas encontram expressão. Já para torná-los matéria de interesse do design, foi preciso reconhecer que o design vem deslocando seu interesse de produtos para processos, e que os processos de design reconhecidos

pelo campo (lineares, coevolutivos etc.) estão bem descritos e referem práticas e metodologias reconhecidas. Entretanto, o mesmo não acontece com os processos autopoieticos que apresentam possibilidades de responder, de modo inusitado, aos desafios do campo, no quesito criatividade e prospectividade. Podem, por consequência, revigorar um conjunto de saberes estabelecidos, inclusive as noções de sistema-produtos-serviços para geração de inovação social. Marcado o destaque para processos autopoieticos, na sequência, ao falar do pensamento complexo, eles serão retomados.

Os ecossistemas são compreendidos como conjuntos de espécies materiais, naturais ou sociais, cujos padrões de organização são de natureza complexa e dinâmica, e cujos elementos estão em constante interação (conexão). Esses sistemas relacionais têm capacidade de adaptação e assumem importante papel na construção e manutenção da sustentabilidade natural e social. Em referência anterior, considerou-se relevante acrescentar a ecossistemas o adjetivo ‘criativos’, de modo a significar que a inovação seria alavancada por processos criativos cujo fluxo geraria ações transformadoras, pela criação de dispositivos que levassem a uma prática de design inclusiva, compartilhada e articuladora.

Entretanto, se considerados os princípios ecossistêmicos resulta redundante essa adjetivação, uma vez que os ecossistemas seriam criativos pela própria dinâmica e pela surpresa decorrente das relações que os elementos dos ecossistemas estabelecem ou venham a estabelecer nos sistemas abertos. Os processos ecossistêmicos seriam autopoieticos e, por isso, criativos.

## **PARADIGMA COMPLEXO: AVANÇO ESTRATÉGICO**

Este chamado ‘avanço estratégico’ aponta para a introdução nos estudos de design de um tipo de pensamento que possa trazer desafios teórico-metodológicos que estimulem práticas de design inovadoras. Uma primeira referência é a substituição do conhecimento disciplinar, dominante na sociedade científica, pelo conhecimento transdisciplinar. É o que Morin (2001) chama de “religação de saberes”. Essa perspectiva parece mimetizar a natureza em sua prática intrinsecamente colaborativa, no sentido que os problemas de pesquisa possam receber contribuições de todas as ciências para a solução das questões que pautam as necessidades, os desejos e as curiosidades do homem.

A teoria da complexidade representa um universo a ser explorado pelo design. Estimulados pelo que pode representar para inovação nos paradigmas vigentes, retome-se a noção de sistema como ponto de partida. Optou-se por

revisitar Capra (2005), Morin (2005) e Luhmann (2010), no que se propõe para sistemas e ecossistemas em organismos vivos e organismos sociais. De acordo com Capra, a nova percepção do mundo se pauta na consciência de um estado de inter-relações e interdependências inerentes aos fenômenos físicos, psicológicos, biológicos, sociais e culturais. Entende os sistemas como totalidades integradas com propriedades não reduzíveis a unidades menores, pois uma vez o sistema fragmentado em elementos isolados, as propriedades sistêmicas desaparecem. Para Capra, a maioria dos sistemas vivos organizam-se em muitos e variados níveis, realizam percursos em diferentes direções, sem que haja o domínio de nenhum, “sendo que todos os níveis interagem em harmonia, interdependentes, para sustentar o funcionamento do todo” (CAPRA, 2005, p. 274).

O pensamento complexo (MORIN, 2005) indica dois princípios que comandam o pensamento complexo, portanto, que estruturam conceitos e que repercutem sobre as práticas: o da emergência, segundo o qual o todo é superior à soma das partes. Essa capacidade de geração possibilita que os componentes isolados não se resumam a si mesmos e que desse ‘diálogo’ possam surgir ideias novas ou novas propriedades; e o da imposição, também importante, segundo o qual as qualidades ou propriedades das partes, quando vistas separadamente ao sistema, dispersam-se, ou seja, se tornam virtuais. É dizer que há restrições sistêmicas sem as quais a totalidade não se evidencia. A hierarquia e a virtualidade são condições de garantia da relação entre partes e todo, sempre em benefício desse último. Ainda a considerar que o pensamento complexo leva em conta a harmonia e a desarmonia, o conflito ou a adesão, o regular e o acaso, mas contrário à dualidade que os termos sugerem, trata-se das duas coisas ao mesmo tempo. Esses princípios, entre outros, impactam diretamente a compreensão que se vem a ter de processos projetuais.

Os ecossistemas são compreendidos como conjuntos de espécies materiais, naturais ou sociais, cujos padrões de organização são de natureza complexa e dinâmica, e cujos elementos estão em constante interação. Esses sistemas relacionais têm capacidade de adaptação e assumem importante papel na construção e manutenção da sustentabilidade natural e social. Considerados os esses princípios (MORIN, 2005), os ecossistemas são criativos pela sua própria dinâmica em que ordem e desordem, multiplicidade e transformação são constantes e simultâneos.

Esses sistemas contêm em si o imprevisto e a incerteza, ou seja, não se pode ignorar a possibilidade de que algum imprevisto (fricção no ecossistema) exija a adesão de sistemas até então externos ao ecossistema desenhado. No sistema

complexo, podem surgir, portanto, novos estados que determinam um nível de organização diferente do anterior, por decorrência da dinâmica das propriedades sistêmicas. Dentre as qualidades de um sistema no paradigma da complexidade (MORIN, 2003) ressaltam-se os princípios de processos integrativo, recursivo, dialógico, poliscópico, autônomo e de reintrodução do conhecimento. Em termos de princípios, as dimensões físicas, biológicas espirituais, culturais e históricas do que é humano se comunicam por processos polioculares ou poliscópicos que respondem ao princípio das interconexões (das redes). Por outro lado, a adaptabilidade que garante a manutenção e o ajuste a mudanças na mesma temporalidade, corresponde ao princípio da autonomia (da autorregulação, da dependência, da adaptação e da evolução), na dinâmica do sistema. Já o princípio da reintrodução do conhecimento reconhece que todo o conhecimento é reconstrução/tradução da mente e sofre a interferência do sujeito (sem a dissociação sujeito/objeto); e o princípio da recursão corresponde à percepção de que as causas agem sobre os efeitos e vice-versa, do que resulta um equilíbrio dinâmico feito de continuidades e de rupturas.

Retomados o conceito de ecossistema e os princípios e os processos propostos pela teoria da complexidade para pensar o design, destaca-se como mais relevante o processo autopoiético em sua condição essencial de criação de relações ecossistêmicas autogeradas, no espectro dos fractais e das disrupções. Recursividade e conexões em rede operam no processo. E a razão principal de trazer à discussão esses fundamentos é a de identificar o potencial desse tipo de episteme à metodologia de investigação e de prática do design, no que se refere à totalidade dos processos projetuais criativos. Assim, a cadeia problema-solução seria afetada, ou seja, ressignificada à luz dos princípios e das proposições oriundas da complexidade. Nessa perspectiva, esses princípios deveriam ser mantidos ao serem propostas técnicas ou ferramentas de design para que o delineamento teórico-metodológico seja harmonioso, o que se constitui em desafio para o design.

A sustentabilidade, conceito também abrangente e versátil em termos econômicos, sociais e ambientais, passa a ser atribuível aos ecossistemas (como equilíbrio/preservação) que garantem sua duração e mutações pelos próprios princípios que os organizam e que, por todas essas condições, mantém-se sustentáveis. Em termos mais específicos, sustentabilidade pressupõe a satisfação das necessidades essenciais das populações, sem desigualdades que excluam pessoas e as condenem à privação completa, inclusive do acesso aos bens culturais. Trata-se, portanto, de um ideal a ser alcançado por ações ético-políticas,

de promoção ou intervenção, tanto mais necessárias quanto mais fortalecidas às práticas capitalistas globalizadas. Embora se reconheça como impossível a realização da utopia (FOUCAULT, 2011) da igualdade social, o empenho deve ser na construção de uma distopia marcada pela sustentabilidade.

Nesse sentido, Manzini (2008) reconhece que a transição para a sustentabilidade requer que se altere a forma de vida e de produção da sociedade e aponta a necessidade de que se promova o aprendizado social. As mudanças necessárias atingem formas de conhecimento e capacidades organizacionais a serem desenvolvidas de modo participativo, em espaços de cocriação abertos e flexíveis. Para Murray, Caulier-Grice e Mulgan (2010), para alcançar uma sociedade mais equitativa e sustentável, em crescimento progressivo ascendente, é necessário que haja uma mudança sistêmica. É nesse ponto que a visão ecossistêmica alinha-se a esse conceito, pois, na perspectiva da teoria da complexidade (MORIN, 2005; 2003; MATURANA; VARELA, 1984; CAPRA, 2002), os sistemas são complexos, estão orientados por princípios indissociáveis e em permanente interação e, dentre outras consequências, todos os movimentos que ocorrem no ecossistema atingem o sistema como um todo. A realidade é compreendida como ecossistema e nele há propriedades inerentes a cada nível de complexidade. O aumento da complexidade sistêmica é o elemento que promove a diferenciação, e toda a diferenciação implica redução de complexidade. Em relação à realidade há um paradoxo, pois o homem conhece a realidade por ser excluído dela e por nela estar inserido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomados o conceito de ecossistema e os princípios e os processos propostos pela teoria da complexidade para o design estratégico, é possível dizer que o mais relevante dentre eles é o processo autopoietico em sua condição essencial, não apenas de autorregulação, mas de criação de relações ecossistêmicas auto-geradas, no espectro dos fractais e das disrupções. Recursividade e conexões em rede operam no processo. E a razão principal de trazer à discussão esses fundamentos é a de identificar o potencial desse tipo de episteme à metodologia de investigação e de prática do design.

Nessa perspectiva, cabe trabalhar para que esses princípios sejam mantidos na projeção de serviços pela abordagem do design estratégico. Uma primeira providência para a prática da pesquisa em design (como pesquisa de práticas sociais) é escolher ou propor técnicas e ferramentas que respondam aos princípios da complexidade, uma vez que foi o contraponto escolhido para pensar design

neste texto. Esse cuidado decorre da facilidade com que a abertura proposta por paradigmas abertos, como, por exemplo, o apontado como ‘tática estratégica’ possa ser neutralizada por técnicas ou ferramentas que respondam à organização, categorização e exaustividade nos termos dos sistemas fechados e das práticas disciplinares.

A organização de um ecossistema, sem relações sistêmicas predefinidas, favorece a expressão de relações identificadas nos sistemas, mas também o reconhecimento de relações imprevisíveis e positivamente desestabilizadoras do ecossistema. Talvez mais do que favorecer o design de produtos, esse ponto de vista favoreça o design de serviços, pelas características de intangibilidade, indissociabilidade, complexidade e inapreensibilidade que a ele são atribuídas. As experiências em serviços, “úteis, desejáveis, usáveis, eficientes e eficazes” (MORITZ, 2005), seriam suportadas por uma plataforma multidisciplinar de competências, para responder à projeção desse tipo de experiência processual, interativa e contínua. A condição multidisciplinar corresponderia à transdisciplinaridade (religação de saberes) proposta por Morin (2001) que poderia, por sua vez, poderia transcender à projeção de serviços e alcançar a produção de todo e qualquer artefato de design.

Considera-se essencial para a continuidade desta proposta que se examine a relevância e a propriedade dos parâmetros do pensamento complexo para ressignificar as propostas do design estratégico, na certeza de que não apenas elas estão em construção, mas precisam de afinar-se com os ideais projetuais propugnados pelo design contemporâneo. Assim se expressariam os desafios: (a) arte e técnica, ou inspiração e trabalho; (b) espaço para criar nas dimensões ontológicas, estéticas, culturais e éticas; e (c) pesquisa não como análise ou descrição, mas como ‘plataforma’ abdução capaz de responder ao que se quer fazer e ainda não se fez, ou a imaginar aquilo que nem sequer se pensou como possível. Se definida a relevância do enfoque proposto, resta desenvolver o aparato metodológico com que se possa operar.

## REFERÊNCIAS

BECCARI, M.; PORTUGAL, D.; PADOVANI, S. Seis eixos para uma filosofia do design. *In: Estudos em design*. Rio de Janeiro: v. 25. n. 1, 2017.

CAPRA, F. **As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável**. São Paulo. Cultrix. 2005.

CELASCHI, F.; DESERTI, A. **Design e Innovazione** - Strumenti e pratiche per la ricerca applicata. Roma: Carocci, 2007.

CESCHIN, F.; GAZIULUSOY, I. Evolution of design for sustainability: From product design to design for system innovations and transitions. *In: Design Studies*, 47, 2016.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FRANZATO, Carlo *et al.* Inovação Cultural e social: design estratégico e ecossistemas criativos. *In: Design Estratégico para a Inovação Cultural e Social*. São Paulo: Kazuá. 2015.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. São Paulo: Papirus, 2011.

LUHMANN, N. **Introdução à teoria dos sistemas**. Petrópolis: Vozes, 2010.

MANZINI, E. **Design para inovação social e sustentabilidade**. Rio de Janeiro: COOPE (E-Papers), 2008.

MANZINI, E. Strategic Design for Sustainability: instruments for radically oriented innovation. *In: JÉGOU, F.; MANZINI, E. Sustainably everyday: scenarios of urban life*. Milano: Edizioni Ambiente, 2004.

MATURANA, H.; VARELA, F. **Árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. Campinas: Palas Athena, 1984.

MERONI, A. **Strategic design: where are we now?** Reflection around the foundations of a recent discipline. *Strategic Design Research Journal*, v. 1, n. 1, Dec 1, p. 31-38. 2008.

MORIN, E. **A religação de saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MORIN, E. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Porto Alegre. Sulina. 2005.

MORIN, E. **O método 1: a natureza da natureza**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MORITZ, S. **Service Design: practical access to an evolving field**. Cologne: Unniversity of Applied Sciences, 2005.

MURRAY, R.; CAULIER-GRICE, J.; MULGAN, G. **The Open Book of Social Innovation**. Grã Bretanha: NESTA & The Young Foundation, 2010.

VERGANTI, R. **Design driven innovation** Boston: Harvard Business School Press. 2008.

ZURLO, F. **Design Strategico**. *In: XXI Secolo*, vol. IV, Gli spazi e le arti. Roma: Enciclopedia Treccani. 2010. Disponível em: [http://www.treccani.it/enciclopedia/design-strategico\\_\(XXI-Secolo\)](http://www.treccani.it/enciclopedia/design-strategico_(XXI-Secolo)). Acesso em: 30 abr. 2014.

## BIOGRAFIA DA AUTORA

**Ione Maria Ghislene Bentz** é doutora em Linguística e Semiótica pela Universidade de São Paulo, Estágio pós-doutoral na Université de Paris-Sorbonne, Mestre em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, Especialista em Teoria Literária pela Universidade de Lisboa (Fundação Calouste Gulbenkian), Graduação em Letras. Experiência em docência, pesquisa e orientação (mestrado e doutorado) nas áreas de Linguística e Semiótica (UFRGS) com ênfase em sistemas de linguagem, processos de significação e linguagens sincréticas. Atuação (1994-2004) no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (Mestrado e Doutorado da Unisinos). Atualmente, é professora pesquisadora e orientadora no curso de Pós-graduação em Design, nível de Mestrado e Doutorado, integrante da Escola Indústria Criativa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, e integra o Grupo de Pesquisa ‘Design Estratégico para inovação cultural e social’ e o Grupo de Pesquisa em ‘Semiótica e Culturas da Comunicação’, UFRGS, inscritos no Diretório CNPq. Docência na Graduação e orientação de Iniciação Científica. Projeto de pesquisa em desenvolvimento: ‘Os fundamentos teóricos do design estratégico: reflexão crítica’.

E-mail: [ioneb@unisinos.br](mailto:ioneb@unisinos.br)

